



ILLUSTRACÃO CATHOLICA



D. Agostinho de Jesus e Souza
Ilustre Bispo Coadjutor de Lamego

Braga, 18 de Agosto de 1928

NUMERO 335 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Ilustração Catholica*», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e
Camionetes

Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

LIMA, FILHÃO & C.ª L.ª DA

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

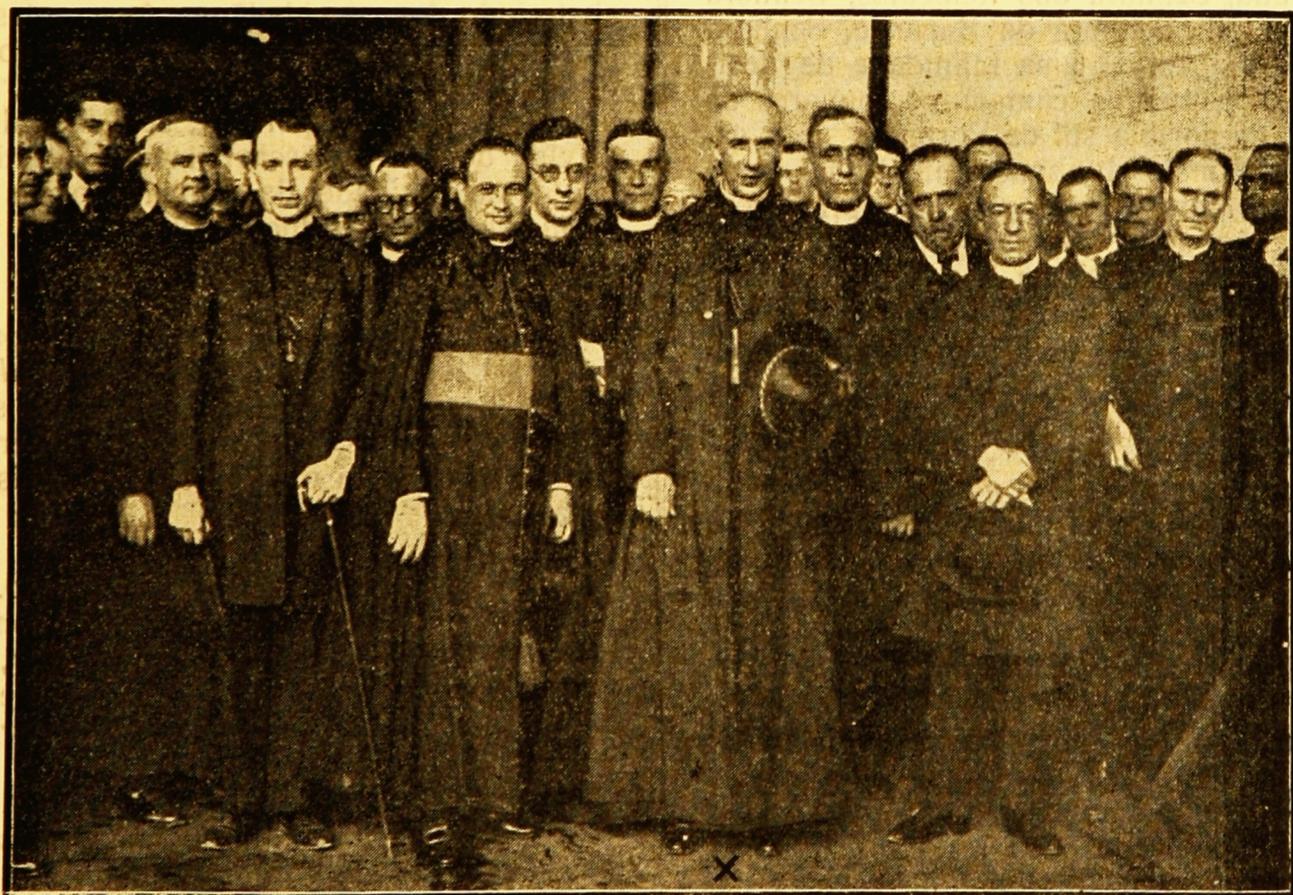
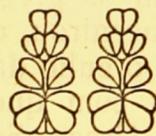
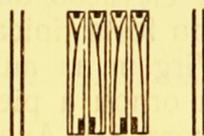
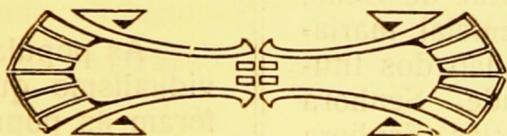
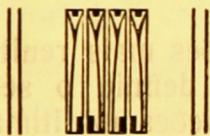
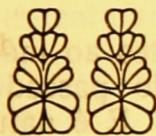
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 18 de Agosto de 1928

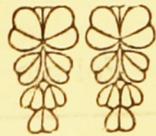
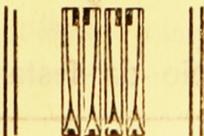
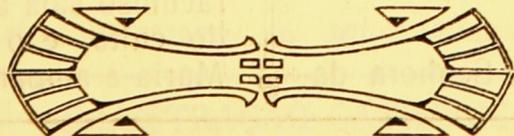
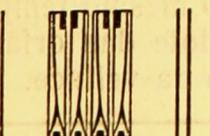
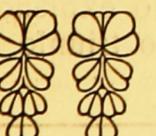
Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 335



LISBOA — Chegada à Estação do Rocio do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} BISPA
Mgr. João Beda Cardinale,
ilustre Nuncio Apostolico em Portugal

(Fot. A. Salgado)



CRONICA DA SEMANA

Cooperativismo piscatorio

A VILA da Povia de Varzim inaugurou solenemente no passado domingo a «Casa dos Pescadores». Fê-lo no meio das suas festas tradicionais à Virgem da Assunção, a grande padroeira dessa vila e, em geral, de toda a terra portuguesa. A festa de Nossa Senhora em 15 de Agosto, porque é o dia litúrgico de todos os títulos marianos, com o seu prolongamento durante uma oitava, é a festa mais popular de todo o ciclo religioso. E é que entre portugueses, e de um modo particular entre portugueses ribeirinhos, não há devoção que supere em intensidade o culto mariano.

A Senhora da Assunção, ou, como dizem os gregos, elevação da Mãe de Deus, concentrou, como festa típica, inicial, mariana o culto da Virgem na multidão dos títulos com que a ornou a piedade. Senhora da Graça, Senhora das Angustias, Senhora da Ajuda, Senhora dos Remedios, Senhora da Nazareth, Senhora da Bonança, Senhora da Boa-Viagem... uma infinidade de designações populares cantam os louvores de Maria, de norte a sul de Portugal. Mas esse culto é mais vivo, mais intenso na gente da Beira Mar. Não há palmo de praia donde se não aviste alguma capelinha branca em honra de Maria, em honra de Quem a Igreja canta, continuamente um hino em que a invoca especial padroeira dos marujos.

Ave, Maria Stella

Estrela do Mar! e nada simboliza tão perfeitamente a vida humana como é o mar. Ora caricioso e suave, como as horas de placida tranquilidade que o Senhor nos concede, ora fremindo raivas, e cachoando em tumulto como as horas de dor e amargura intranquilas, — o mar é um compendio da vida do homem sobre a terra, até no amargo do seu irritante sabor. E assim como das amaríssimas águas do mar se tira o sávido condimento das melhores iguarias, assim também do travo dos desgostos e das salgadas lagrimas que vertem nossos olhos, procede tantas vezes o bem, tantas vezes o sentido superior, sobrenatural, da vida, aquilo que nos torna melhores, mais dignos, e mais nobres.

*

Foi no meio da festa da Senhora da

Assunção, quando os ares da Povia de Varzim estremecem na vibração retumbante de girandolas sem conta, que se inaugurou a Casa dos Pescadores Poveiros.

O sentimento de cooperativismo, de mutuo auxilio e previdencia, não é, em Portugal historicamente desconhecido, muito embora o enfraquecesse a organização social-politica do seculo passado. Não é mister entrar em discussões e menos em declamações contra o character do seculo. Ele foi liberal: não lhe chamemos erro, porque em tudo o que é, por natureza livre, não há verdade nem erro, há a relatividade das coisas.

As populações mais renitentes ao individualismo que definiu o século passado, foram as populações marítimas. E é natural. Na terra, pode viver-se isolado, abstraindo dos concidadãos. Anacoretas do mar, como Alain Gubault que sosinho em fragil esquite circumnavegou o orbe, são uma excepção desportista, sem finalidade. A vida do mar é essencialmente colectivista: a sua unidade da infima especie é a *companha*; o individuo marítimo não é uma unidade; é uma fracção.

A Idade Media criou por toda a parte, e sob a bandeira de Maria — *Maris stella* — instituições religiosas de cooperativismo. Renascerão, elas, nos moldes modernos, que impõe as condições actuais da vida?

Diz-nos que sim esta inauguração. A «Casa dos Pescadores Poveiros» começa por albergar doze velhos lobos do mar, impossibilitados já da vida laboriosa, e um orfãosito a quem a colectividade servirá de paterno braço.

Para criar a instituição não se dispensou o favor e auxilio dos bemfeitores: para a sustentar, Vasques Calafate legislou no estatuto fundamental a cooperação permanente da classe. E' uma redada de peixe que as companhas destinam ao bem social, como antes interessavam no produto da pesca a Virgem padroeira, e do produto miraculoso saia ao mesmo tempo o esplendor do culto, e o dote das orfãs, o triunfo de Maria e amparo da velhice.



...TARDIAMENTE, meu querido Campos Monteiro, tardiamente, só hoje posso referir-me aos seu lindo livro «**Santa Olivia**», e ainda referir-lhe as minhas impressões.

Recebi-o no momento da partida, e comigo o levei para longes terras, comigo viajei — pobre e linda Santa Olivia, ainda uma vez no seu triste fadario de caminhar! — e longe, na hora amarga em que a saudade aflóra ao espirito, como um veneno subtil, ela foi o terno e suave lenitivo, que os seus portuguesissimos e sentidos versos falam docemente do nosso lindo e desventurado Portugal, cantando, chorando, rindo, que a nossa terra tem o extranho condão de condensar, em si, as tres altas expressões do sentimento.

Com a *Anthologia* do nosso Anthero, que eu sempre levo a um canto da mala, entre os mil nadas da *toilette*, para a *toilette* do espirito, como se ali levasse uma porção de terra portugueza, o seu poema lá foi e no velho meio dia da França, no mesmo parque humbroso onde a galante *Seigné* meditou algumas das suas cartas celebres, á sombra duma tilia ramalhada, certa manhã de caloreira ardente como o esplendor das suas imagens, foi lido, sentido e meditado, com agradável prazer espirital.

A sua obra d'uma ingenua simplicidade, tocada dum doce mysticismo, aureolada dum vivo amor, que é hoje a chama crepitante do seu lar, fica bem ao seu coração de pae, honra o seu alto espirito d'artista.

A vida mal aventurada e triste da doce e linda Virgem dos cabellos d'oiro, d'essa formosa Olivia fascinadora, que ás glorias da terra, ás mundanas fascinações, ao oiro e ao fastigio, ás joias e aos deslumbramen-

tos, prefere apenas a gloria divina, foi por si tratada com mão de mestre n'uma suave delicadeza de imagens e de rimas, que só um verdadeiro pode e sabe attingir.

E' uma linda historia que as creanças devem aprender, que os homens precisam meditar, porque mesmo «*em linguagem sim-*



ESPOZENDE — Margens do Cávado

ples, para as almas simples» encerra uma alta philosophia, contem uma doce e consoladora licção.

E na sua obra valiosissima d'observador, de romancista, d'historiador, de critico mordaz, de poeta emfim, porque sempre poeta se revela, aqueles versos ficam como um doce oasis de ternura, mostrando que o seu coração tem ainda o frescor e o entusiasmo duma mocidade ardente, que a chama do talento não deixa esmorecer. Na litteratura religiosa, tão pobre, tão escassa d'obras d'arte, «*Santa Olivia*», obra de fé e de beleza, ficará como joia d'alto valor.

E você meu grande e infatigavel amigo, que n'essa abençoada febre de trabalho, todos os anos, todos os mezes, todos os dias, nos dá uma manifestação diferente da sua organização litteraria, não se esqueça que é sobretudo um poeta, para nos dar novos poemas onde os homens — pobres transviados da vida! — recreiem o espirito e «na sublime licção... aprendam a amar a Deus sobre todas as coisas». José de FARIA MACHADO

Exposição de Recordações de Soares dos Reis — No Mosteiro da Serra do Pilar

HÁ dias, lá me fui de longada, apegado ao bordão da Saudade, até ao Mosteiro da Serra do Pilar, onde os Amigos do Mosteiro, e, para comemorar o terceiro aniversário do seu agrupamento, reuniram na interessante Sala do Capitulo, recordações do grande estatuário Soares dos Reis.

Levou-me ali, não a curiosidade de ver a obra do extraordinario mestre, do estatuário maximo do nosso tempo, e que ainda hoje, reflete, através de tantos anos passados, após a sua tragica morte, como um sol extinto, mas, cuja luz continua a brilhar na orbita do firmamento da Arte, gloriosa e fulgurantemente.

E, não fui para ver a sua grande obra, porque essa está dissimulada por muzeus e coleções de amadores, e eu já a conhecia bem. Mas, para com a minha comparencia, prestar tambem a minha homenagem á memoria do excelso artista, e para significar o quanto me interessou e comoveu o gesto delicado, amistoso e terno (deixem-me dizer assim) com que a direção do grupo dos Amigos do Mosteiro da Serra do Pilar, soube comemorar o seu terceiro aniversario, prestando um preito de homenagem e adoração pelo insigne escultor morto.

*
* *

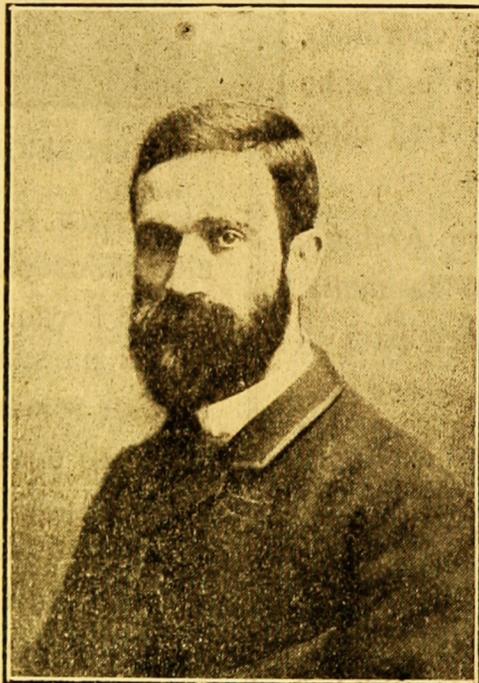
Antonio Soares dos Reis desapareceu um dia tragicamente, mas, a sua obra enorme, grandiosamente sublime,

continua a afirmar superiormente a pujança do seu genio, o valor do seu escopro, e a correcção das linhas da sua forma escultural.

E' vasta a sua galeria artistica e não é minha intensão fazer referencias aos seus trabalhos, que, outros criticos mais competentes do que eu, já analisaram e consagraram.

No entretanto, para muitos da geração nova, que não tenham tido a ventura de ter lido estas criticas, nem vis-

to ou observado estes trabalhos, duas palavras traçarei sobre umas tres, ou quatro, das suas mais notaveis esculturas.



O escultor SOARES DOS REIS

O *Desterrado* — Poema, em marmore, de melancolia e de dôr; rumor longinquo de ancia e de saudade; aniquilamento de corpo e de espirito; cerebro olhando, através da imensidade da desgraça, a patria querida, a que se não pode mais voltar, e que, na fixidez daquele olhar no vago, parece dizer:

Senhor! dai-me a morte breve!
Aliviai meu penar,
Este viver de incerteza,
Que o meu ser á sorte deve...

E Soares dos Reis, emsimesmando esta extraordinaria dôr, produziu o *Desterrado*, a mais sublime das suas obras.

A *Saudade* — Delicioso pungir de acerbo espinho, que teve no grande artista um conceptor sublime. Tal expressão fisionomica deu a essa simboli-

ca figura, que o marmore como que palpita e sofre. Ao olhal-a, com olhos de ver e com espirito de sentir, nós sentimos, dentro do nosso coração, a ferir-nos, o espinho ideal... da saudade.

O *Cristo agonisante* — E' uma destas maravilhas esculpturais que nos subjuga e nos empolga impressionantemente.

Aos descrentes mesmo, aos que não querem acreditar que Jesus morreu para nos remir, a esses mesmos o Cristo agonisante impressiona e comove; e eles ficam no

entretanto pensando que, sob a apresentação expressiva do sofrimento e bondade de aquele agonisante sagrado, um homem houve, que, pregado na cruz e sofrendo enormes torturas, exala o ultimo suspiro, sem um tergeito de protesto ou maldição; antes porem, cheio de resignação e de perdão para os

que o crucificaram no madeiro infamante, e lançando para o céu esta petição sublime, ao Deus Todo Poderoso: — Per dai-lhes, meu Pai, porque eles não sabem o que fazem.

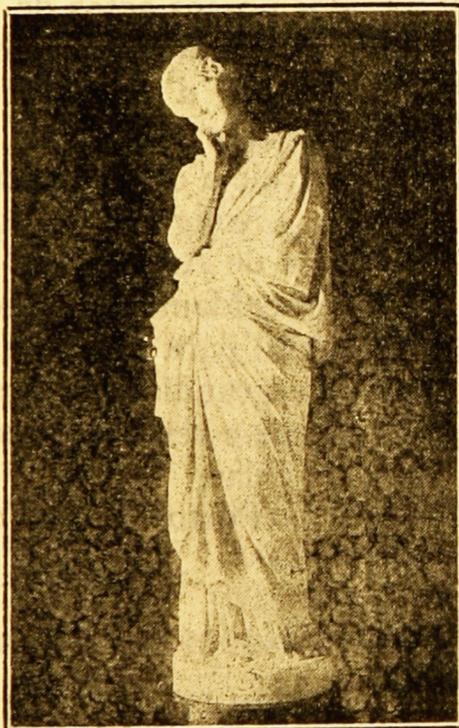
Arte na Infancia — A alegria infantil dum pequenito nú, rechunchado e traquinas, garatujando um desenho, com a satisfação de ter feito um boneco. Dá-nos tentação de o beijar com ternura... E, nisto, está dito tudo.

Flor Agreste — Nada direi sobre este trabalho. Para falar dele era preciso ser-se um grande poeta, pois só em lindos e delicados versos é licito

dizer o que se sente ao ver a Flor Agreste. Adoravel cem vezes!... Como mimo e expressão de mocidade, é o que se chama: um amor!... um verdadeiro amor!...

E deixei eu correr a pena sobre o papel a escrever coisas varias, sob impressões passadas, da obra do grande mestre. Não sei se estarão bem certas, o que sei é que estão extremamente palidas e frouxas para o que são, e valem, as esculpturas indicadas.

* * *



Saudade



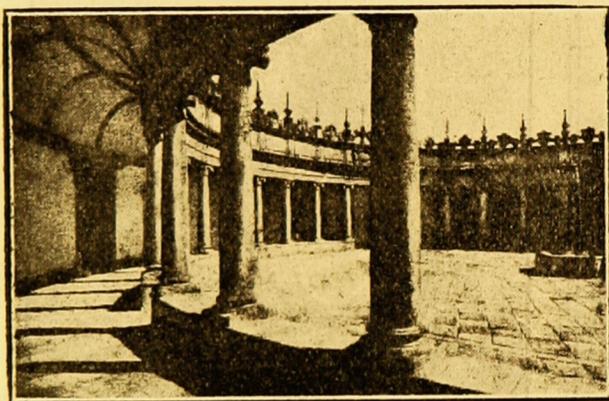
Flor Agreste

Voltemos porem ao principio. Os Amigos do Mosteiro da Serra do Pilar, entre os quais me honro de pertencer, sob a orientação de o reconstruir e engrandecer, não se poupam a sacrificios e a trabalhos; e assim, depois de reedificado o Claustro e a Sala do Capitulo, para solemnizar este ultimo passo, reuniram ali, não os grandes marmores, ou os grandes gessos, ou os grandes bronzes de Soares dos Reis, mas as intimidades artisticas do grande mestre, desenhos, estudos, croquis, gravuras, livros e jornais que dele falaram, quer durante a sua vida artistica, quer no

momento tragico da sua morte. São retalhos de genio, subtilezas do espirito artistico, impressões momentaneas que os organizadores da exposiçào foram buscar aqui e ali, às pastas e às collecções dos amadores, às galerias de alguns colecionadores de coisas de arte, aos atelieres de artistas e ao concheço da casa de amigos e da familia, do grande escultor.

Como tudo aquilo revela carinho e amizade, respeito e veneraçào.

Eu confesso, quando ali fui da primeira vez, em que se dava a ultima demã para ser aberta a Exposiçào aos convidados e aos Amigos do Mosteiro, todo o meu coração se comoveu e encheu duma tristeza consoladora, ao



O claustro do Mosteiro da Serra do Pilar, depois de restaurado pelos « Amigos do Mosteiro ».

contemplar especialmente, não os trabalhos, mas um dos Amigos do Mosteiro, organisador da exposiçào, com a sua barba branca corredia, pegando nos objectos a distribuir pelas estantes com um carinho especial. Voltei atraz muitos anos, e lembrei-me de quando nós eramos novos e ele era um dos amigos dedicados do bom Soares dos Reis, que com ele conviveu intimamente. Para esse velho rapaz, que se não é um artista praticante, é um arreigado cultor da Arte, espiritualmente, para ele foi então o meu espirito num beijo amigo, que fazendo escala por ele voou até onde o espirito do grande mestre esteja; beijo respeitoso dum insignificante escrevedor de coisas de Arte, que assim se penitenciava de tantas vezes ter errado, talvez, em apreciações feitas.

E, para os outros todos, em conjunto, vai esta expressào singela, mas, sincera: Bem hajam pelo bem que fizeram, e que ainda mais pensam fazer.

* * *

Os Amigos do Mosteiro da Serra do Pilar bem merecem de todos os portuenses e vilanovenses pelo que tem feito em prole do mesmo Mosteiro, pois afirmam ao grande publico e aos poderes do Estado que é necessario que haja uma onda de patriotismo para não deixar cair no abandono tantas e tão maravilhosas obras de arte, e padrões de gloria dos nossos feitos de armas, dos nossos actos de heroismo e das nossas manifestações de fé, que a incuria de uns, a malquerença de outros e a indiferença de quasi todos tem deixado derruir e desaparecer.

Amigos e colegas, nesta pequena nota de Arte eu vos saúdo e abraço eternamente, dando-vos o meu apoio moral para que prossigais no vosso bello e grandioso empreendimento: — Pôr de pé e restaurado o Mosteiro da Serra do Pilar.

Porto, Agosto de 1928.

António de Lemos (Alvaro).

DOIS RELIGIOSOS DO DESERTO DE SCÉTÉ

Uma personagem mandou de presente, um dia, um cabaz de admiraveis figos ao abade João, despenseiro do mosteiro do deserto de Scété. O abade encarregou imediatamente dois jovens religiosos de os irem oferecer a um velho enfermo, que se havia retirado para o centro do deserto. Os jovens religiosos puzeram-se a caminho para irem à pousada do velho; mas repentinamente formou-se um nevoeiro tão denso, que perderam o tino do pequeno correiro que deviam seguir. Erraram todo o dia, e toda a noite, na vasta extensão do deserto; finalmente prostrados pelo cançasso de tão penosa jornada, atormentados pela fome, e pela sede, ajoelharam e pondo-se a rezar, expiraram neste estado. Acharam o cabaz com os figos junto deles: não lhe haviam tocado, tanto o consideravam um deposito, um objecto sagrado!

UMA FLOR NUM MOSTEIRO

(IMPROVISO)

Pobre flor, que já não tem
Mão de monge que te cegue
As más ervas que te afogam,
E que nas colmas te regue :

Mão de monge curiosa
Desvelada em te amanhar,
Para no dia festivo
Te pôr em jarra no altar :

Mão de monge que por horas,
Quando para ti olhava,
Sobre as grandezas de Deus
A meditar se deixava!...

De tantos que adereçavam
Este jardim do Senhor,
Só tu aqui solitaria,
Só tu vives, pobre flor !

Deixa a vida do deserto
Acaba o tormento teu,
Não tens porque esperar...
O monge foi-se — morreu !

Tira-te destas ruínas ;
Tudo aqui respira dôr !
Não diz bem com tanto estrago
A beleza duma flor.

Foram-se as flores do ceu,
Tuas irmãs já lá vão :
Que fazes aqui sósinha ?
Foge desta habitação.

Vem, comigo, e em quanto vivo
Me lembrarás com saudade,
As tristezas do presente,
As venturas doutra idade.

F. R. S. MALHÃO

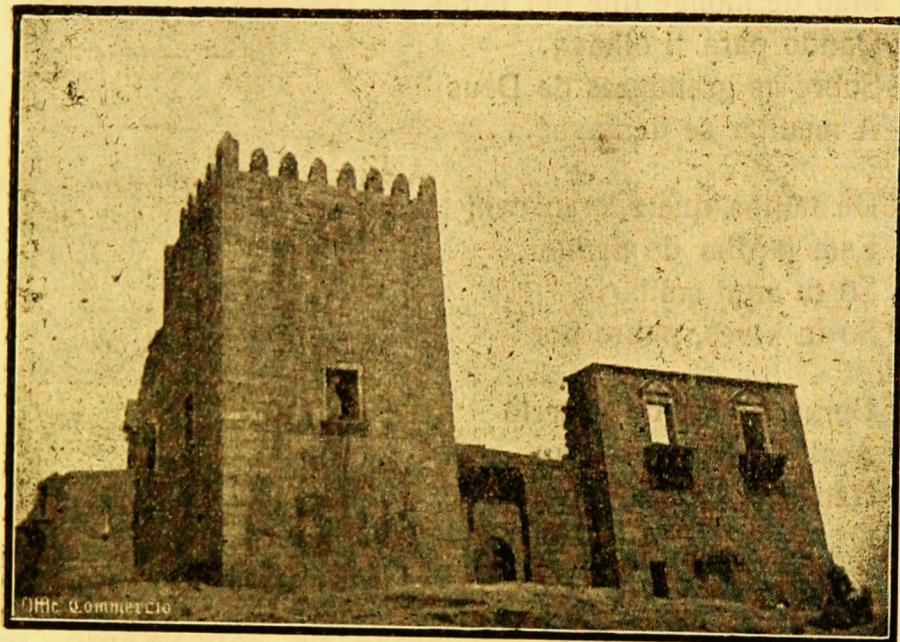
Cónego Narciso

CONHECI-O poucos anos antes de morrer. Mas cheguei a admirar-lhe bem o talento e o espírito — talento raro de poeta e espírito genuinamente português.

Criança ainda, gostava já de ir visitá-lo na meia-luz do seu pequenino quarto de trabalho, em Baltar, onde, sobre uma velha mesa de castanho, se viam, entre dicionários e compêndios de teologia, alguns livros de poesia e de arte.

Uns óculos com aros de oiro, um candieiro de petróleo, um cinzeiro de ferro, um

carta sua, com data de 30 de julho de 1923: «Deus é bom, boníssimo, dignando-se dar sofrimentos atrozes a êste miserável barro de que sou formado, antes de me chamar a contas, e experimentando a minha paciência com sucessivas contrariedades, injustiças e remoques de pessoas que, longe de lamentarem a minha triste situação martiriosa e procurarem minorá-la, ou, pelo menos, não a agravar, se comprazem, pelo contrário, em a exacerbar. Mas não exacerbam! Antes, pelo contrário, me dão o prazer



BELMONTE — Beira Baixa — O Castelo, hoje monumento nacional.

(Fot. Amador Humberto Lima).

crucifixo e meia dúzia de folhas de papel almaço amarelecido já pelo tempo, era tudo sobre que poisavam, então, em casa do Senhor Cónego Narciso, os meus curiosos olhos de rapaz. No entretanto, tudo me falava dêle, — do seu temperamento e da sua alma...

Foi um homem que sofreu muito, nos ultimos anos da vida. Revelava-o, claramente, a sua conversa entrecortada sempre de queixumes angustiosos e de múltiplas referências a perspectivas alarmantes.

Revela-o ainda êste pedaço de uma

d'un antre idéal que le leur». —

Foi um homem que sofreu muito, o Senhor Cónego Narciso. E, para a sua dor, para os seus tormentos, só na Religião e na Arte encontrava lenitivo salutar e fecundo.

Porisso, falar-lhe de Deus amado pelos santos ou cantado pelos poetas, era fazer quebrar, aos olhos magoados da sua alma, o doce mistério espiritual duma alvorada de luz. E nunca êle ficava calado, se alguém lembrasse, para assunto de conversa duma tarde inteira, as Odes de Horácio ou os

Tercetos de Dante, os Salmos da Biblia ou os hinos do Breviário.

Recitava versos de Lamartini. Chamava a António Correia de Oliveira o *altíssimo* Poeta. Um dia, foi, de propósito, a Paços de Ferreira, só para ouvir Queiroz Ribeiro ler alguns trechos da *Imitação de Cristo*. Soitava repetidas exclamações entusiásticas sobre os versos de Wenceslau de Moraes, o grande cantor da alma japoneza. A todos mostrava a *Canção do velho relógio inglês* de Eugénio de Castro.

A's vezes, começava a chorar de commoção, para, momentos depois, apresentar uma anedocta que fizesse rir. Porque, além de talento, tinha um poderoso e finíssimo espírito, como já o mostrara quando aluno de segundo ano de teologia, no Seminário do Pôrto.

Era, então, seu lente de Dogmática especial o rev. Dr. Teófilo Salomão Coelho Vieira de Seabra. No dia do acto, ao dirigir-se para a sala dos exames, Narciso Vicente Lopes de Sousa, que, durante o ano, se pegara com o professor, volta-se para os companheiros e exclama :

— «Rapazes, vou ter a honra de ser examinado por um homem tão amante de Deus como um *Teófilo*, tão sábio como um *Salomão*, tão fino como um *Coelho*, tão eloquente como um *Vieira* e tão perito em leis como um *Seabra!*»

Estando para morrer, escreveu as suas últimas disposições, uns apontamentos de character particular, determinando que desejava ser amortalhado na batina que ali tinha e com as suas barbas de missionário.

Faleceu a 17 de Março de 1924, no Hospital de Santa Maria do Pôrto.

Além de muitas outras composições espalhadas por diferentes revistas e jornais, deixou impresso um volume de poesias com o título de *Imperfeitas*, que, por infelicidade, não chegou a vender-se publicamente. E' uma bellissima colectânea de *versos de hontem* — escritos alguns em Macau — que mereceram a Junqueiro os mais rasgados elogios, e onde ha trechos como êste da poesia *Verbum Dei*:

Quaerite primum regnum Dei!
E' esta a lei

Que o Bom Pastor impôs à Grei
Está escripta no Evangelho ;

Não é conselho ;

Obriga ao moço e obriga ao velho
Sem distincção.

Mas esta lei, ao Padre, então,
Impõe maior

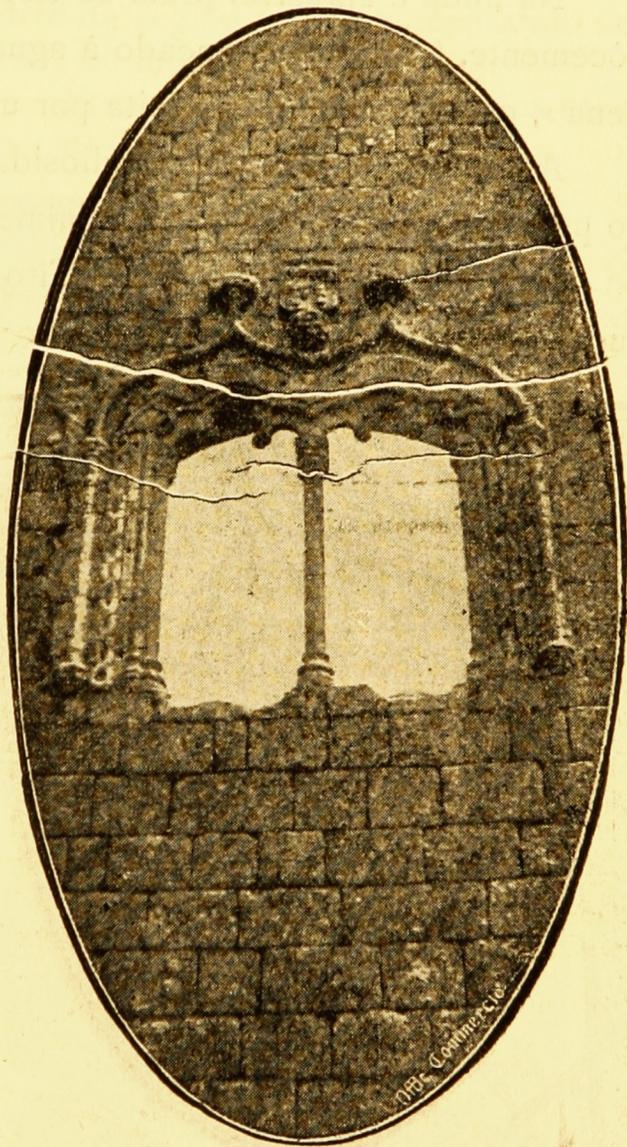
Obrigaçào,

Porque o ser Padre é ser pastor,
E' ser da Grei o conductor.

E' ir avante, e, sem confôrto,

Orar no Horto

Como Jesus...



BELMONTE — Beira Baixa — Uma janela historica no Castelo.

(Fot. Amador Humberto Lima.)

Fugir do mundo, e a amar a Cruz
Sem esperar a gratidão
D'uma alma crente ou convertida...

E' dar-se todo, é dar a vida,

Ser Mansidão,

Ser Humildade,

Ser Caridade,

Ser como Cristo, o Redemptor,

O Deus do Amor

E do Perdão!...

Do livro faz parte ainda um poemeto em sonetos a respeito de **Judith**, irmã de caridade, que,

«Meiga como um sorriso de criança,
Baixou ao negro abismo da Miséria,
Surgindo como aurora da Esperança».

O estilo é claro e brilhante, a métrica é perfeita e o sentimento, duma pureza e frescura de madrugada.

Gandra — Baltar, 13-VII-1928.

MOREIRA DAS NEVES.

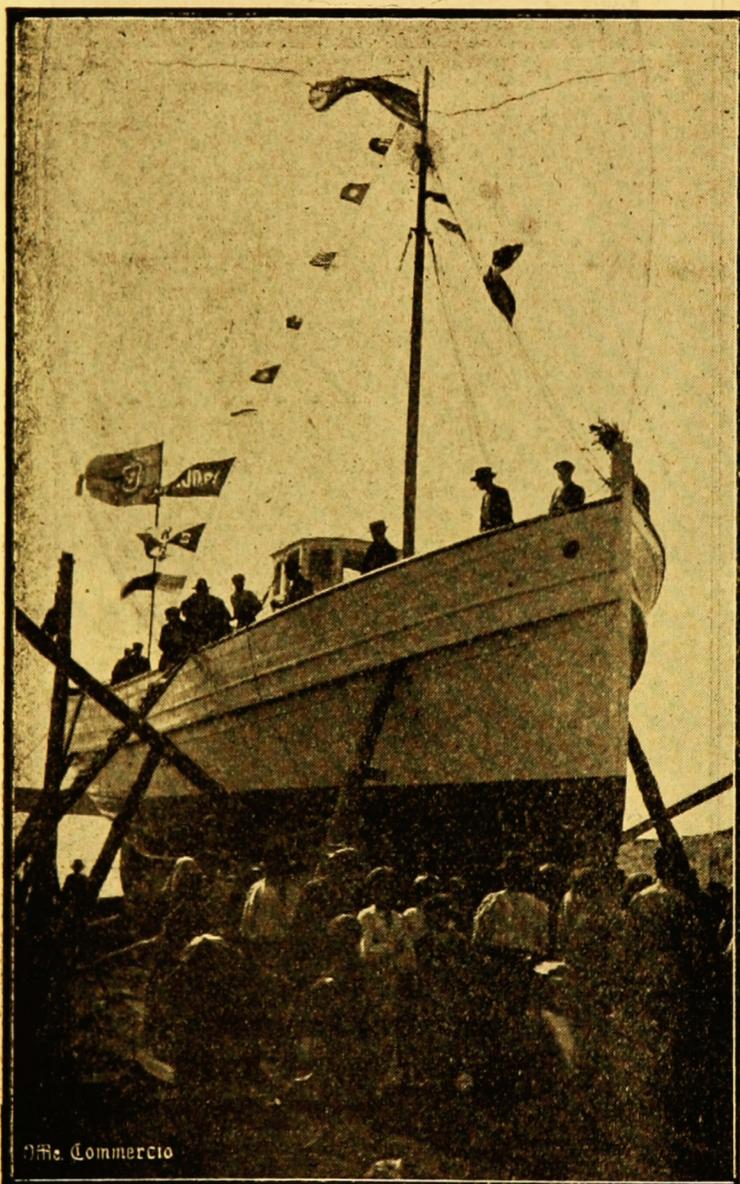
Estaleiros Navais de Esposende

Na linda e aprasivel praia de Esposende, que o Cávado e o Atlantico acariciam dôcemente, foi à pouco lançado à agua o novo vapor de pesca «S. Domingos de Sena», cuja encomenda foi feita por uma importante empresa de pescarias do Porto.

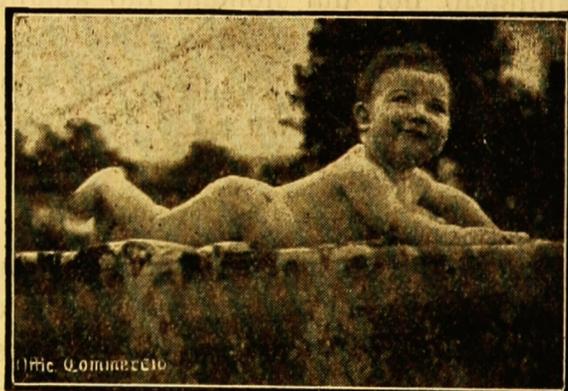
Ao acto, que revestiu grandiosidade, assistiu muito povo, sendo o cabo cortado pelo snr. tenente de marinha Jaime Olimpio, delegado maritimo daquele porto.

Nessa ocasião o snr. capitão Tito Evangelista pronunciou uma expressiva allocução alusiva ao acto, a qual foi coroada de muitas palmas.

Os estaleiros de Esposende teem fama no pais e possuem os melhores constructores, o que honra bastante o norte.



ESPOSENDE — O vapor «S. Domingos de Sena», momentos antes de ser lançado à água.



ESPOSENDE — Um delicioso banho de sol... acompanhado de um sorriso. (Filhinho do professor Celestino Azevedo Pires.)

Resposta a uma afronta

Certo general levado ao tribunal revolucionario, durante os tristes acontecimentos do fim do seculo passado, foi acusado pelo presidente de ser um cobarde: ouvindo uma tal afronta, o velho general, que estava oberto de cicatrizes, rasga o seu fato, e, apresentando o seu peito descoberto, sulcado de vestigios de feridas, exclamou: «Cidadãos jurados, lêde a minha resposta. ei-la aqui escrita».

O Santo Padre e o luxo desmedido da mulher

Como se sabe trata-se da canonização da veneravel Paula Frassinetti, benemerita fundadora dos religiosas de Santa Dorotea.

Num dos ultimos dias no Vaticano, e na presença do Sumo Pontífice, foram lidos os decretos que declaram as peregrinas virtudes daquela religiosa.

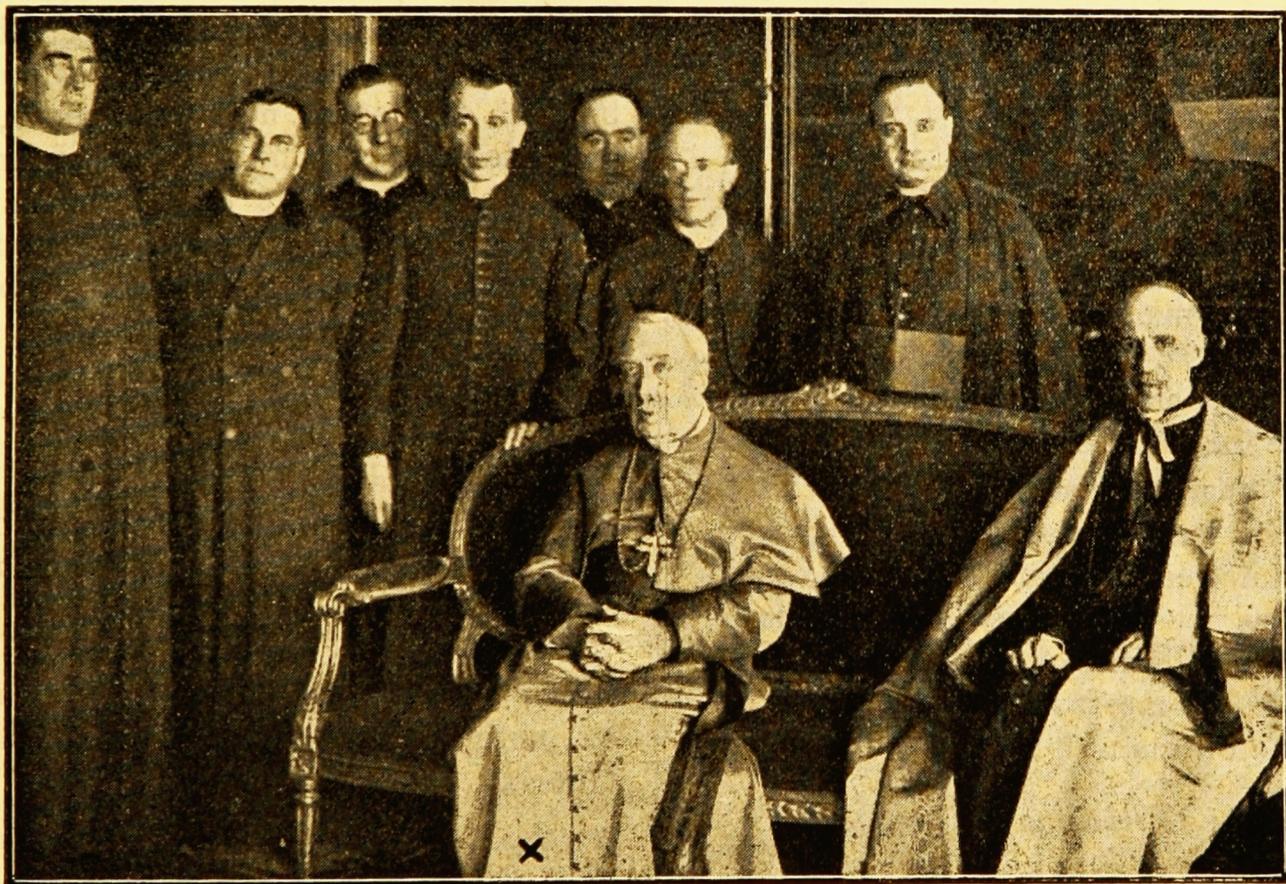
O Santissimo Padre, aproveitando

curso exortando as mulheres a seguir o exemplo da bem-aventurada Frassinetti.

As grandes tempestades

Na Argelia, mais um enorme furacão, seguido de tremores de terra e grandes correntes de agua devastou parte da região Djidjelli, causando dezenas de mortes.

Foram tambem encontrados cerca de 150 feridos.



LISBOA — O novo Nuncio. A sua visita ao Em.^{mo} Cardeal Patriarca, tomando logar á sua esquerda.

a ocasião fez um notavel discurso sobre os deveres da mulher cristã.

A mulher, afirmou o Santissimo Padre, parece esquecer completamente o pudor, dom precioso de Deus.

Declarou-se ainda desgostoso de que a vaidade, que obscurece todas as ideias do bem, se apoderasse não sómente das mulheres que se proclamam mundanas como das que afirmam ser católicas.

O Pontífice terminou o seu dis-

A descoberta da televisão

Mais um progresso sobre a televisão.

O inventor, Baird, acaba de fazer no seu laboratorio a demonstração pratica das novas imagens da televisão, que põem o espectador em presença, não de uma imagem plana, mas, por assim dizer, de figurações reais, com relevo, tendo, como na natureza, profundidade e destaque, como as projecções do estereoscopio.

Continua a luta entre os católicos e os seus inimigos, no Mexico.

E' conhecida essa luta e as suas origens.

A «Ilustração Católica» já que se referiu nos seus ultimos numeros a varios factos e fez publicar as notas que levaram ao martirio tantos herois cristãos naquela Republica.

A proposito, o diario de New York, «Evening World», mandou um enviado especial ao Mexico para examinar de *visu* a situação daquele paiz. Esse enviado especial Joaquim Calvo, acaba de dar ao jornal as suas impressões sobre um dos pontos mais importantes da actual vida social do Mexico: a perseguição aos católicos. Diz ele:

«Entrevistei indistintamente jornalistas, aristocratas, representantes das classes altas e humildes e de todos recebi a mesma resposta: não é verdade que a Igreja tivesse jámais intervindo na acção politica interesse do paiz; a grande maioria dos mexicanos o que quer é que os deixem frequentar livremente as suas igrejas, sem que o governo se imiscua em assuntos com que nada tem e as massas querem mais a sua liberdade religiosa do que a realização das vãs promessas de distribuição de terras e outras utopias».

Crise de trabalho na Inglaterra

E' mundial a crise de trabalho.

Esta situação gravissima, que atravessa tambem o nosso paiz, é duma gravidade que aumenta dia a dia em toda a Europa.

Informa um jornal estrangeiro, que na Inglaterra, o Comité de Transferencias Industriais reconheceu que pelo menos 200 000 operarios inglezes sem trabalho deverão emigrar para não morrerem de fome.

Este Comité é constituído por tres dos economistas de maior nomeada da Grã-Bretanha: srs. Warren Pisher, secretario do tesouro; John Cadman, presidente da Companhia Anglo-Persa de

Petroleos e David Shakleton, conselheiro técnico do Ministerio do Trabalho.

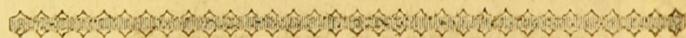
A comissão foi nomeada para facilitar a transferencia de operarios, especialmente mineiros, dos districtos onde carecem de trabalho para outros onde ha mais possibilidades de se ganhar a vida.

O Comité chegou á conclusão, depois de estudar detalhadamente o problema, que pelo menos 200.000 homens não poderão encontrar emprego em qualquer das industrias nacionais. Este numero de operarios pertence á industria mineira e constitui um excesso de jornaleiros que a actual situação da produção mineira, jamais poderá acolher. Mas a estes parados que não ha possibilidade de colocar noutra industria, ha a acrescentar, segundo os dados facilitados pelo Comité de transferencias industriais, uns 10.000 mais pertencentes ás industrias textis, construtora de bancos, ferro e maquinas.

Eleição presidencial

Nos Estados Unidos vai grande actividade politica, a proposito do candidato católico Smithe á presidencia da Republica.

O mesmo candidato, tem a seu favor, entre outros elementos de valor, os antigos combatentes da Grande Guerra.



Aviso às sentinelas

De sobre a muralha duma das torres da cidade de Perpignan (Roussillon, França) se mostra o lugar, donde Carlos V precipitou num fosso, depois de a ter atravessado com a sua espada, uma sentinela que ele encontrára a dormir. Consta que este monarca ocupára o posto da sentinela até ser rendida.

Este facto faz bem sentir com que vigilancia e cuidado um militar de serviço deve ocupar o seu posto, porque é ele o guarda vigilante das vidas dos seus camaradas e das vidas e fazendas dos seus concidadãos.

Os protectores dos gatos agruparam-se, em Paris, ha pouco tempo, em sociedade; e, justamente convencidos de que as melhores causas precisam do auxilio da imprensa para que sejam eficazmente defendidas, crearam uma folha felinofila, cujo programa se limita a celebrar os meritos do gato.

Esse jornal, dirigido pelo poeta Paul Nagour, chama-se «La Moncrif». A razão desse titulo é porque Moncrif, poeta historiografo, foi, no seculo XVIII, o mais ardente defensor dos gatos, que Buffon solenemente difamou. E é curioso notar que muitos sabios dessa época condenaram, sem remissão, a raça felina.

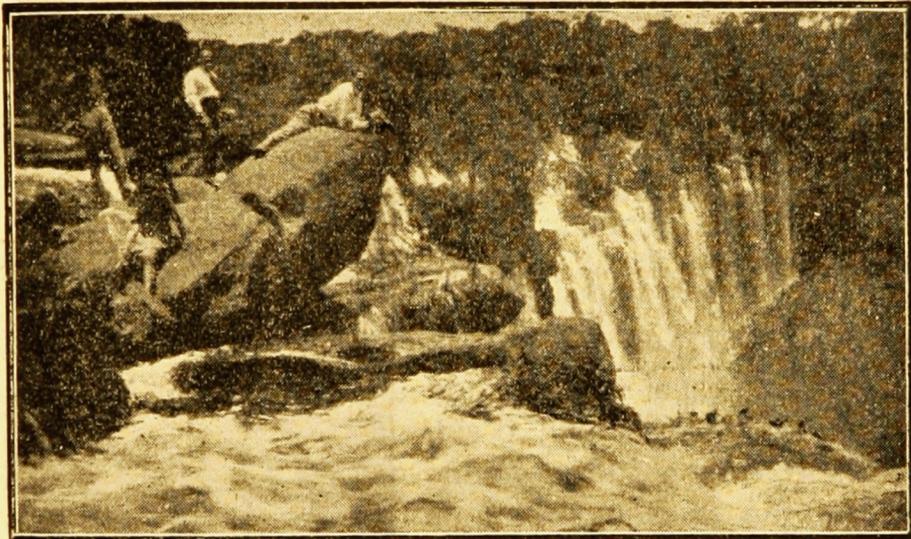
Buffon mostrou-se, por vezes, injusto. Deve-se-lhe o grande argumento do instincto traiçoeiro do gato, como foi ele quem assegurou que esse animal «não fixa nunca a pessoa de quem gosta», acrescentando a absurda afirmação de que a gata devora os filhos. O famoso naturalista não se limitou, aliás, a esses ataques aos felinos.

Os preconceitos relativos ao gato, impostos por Buffon e alguns outros escritores como verdade incontestaveis, não surpreendem muito as pessoas que têm estudado esse animal singular, porquanto, d'entre os domesticos, ele é o que mais difficilmente se consegue conhecer. M.lle Jeanne d'Hazon, que sobre esse assunto escreveu um livro interessante, declara que, para se ter a respeito do gato uma idéa justa, «cumpre observalo numa intimidade constante».

E ela acha que só «as intelligencias superiores» podem comprehender «esse ente estranho, resumo misterioso de todas as antiteses, corajoso e poltrão, discreto e indiscreto, ao mesmo tempo».

Pierre Loti, que é tambem um amigo dos gatos, diz que «eles têm pequenas almas caprichosas e altivas, difficilmente penetraveis. que só se revelam a certos privilegiados».

Para conquistar essas «pequenas almas altivas», é preciso não exegir delas submissão nem baixeza. O gato é classificado entre os animais domesticos; ele é, entretanto, pouco domestico, no sentido rigoroso da expressão. Se caça os ratos, não é em obdiencia ao



ANGOLA — MALANGE

Um aspecto das cachoeiras do Duque de Bragança. — Rio Lucala

Estas cachoeiras tem sido muito visitadas ultimamente, e é um dos passeios mais predilectos dos europeus que residem em Malange e no distrito, devido á paisagem deslumbrante e á altura em que o rio se despenha. : : : : : Tem 93 metros de altura : : : : :

dono, mas porque o seu instincto a isso o impele; se ama o lar, é unicamente porque aí se acha feliz. Mas a sua selvajeria inata logo se revela, se as condições mudam, se cessa de ser nutrido como de costume, se não é acariciado. Ele preferirá a miseria aos maus tratamentos. Fugirá, terá fome e frio (embora para esse animal do Oriente o frio seja o peor dos tormentos), mas não se sujeitará ás exigencias brutais e não aceitará a injustiça e a pancada.

Porque não tem detractores o cão, quando são tantos os inimigos do gato?

E' que o primeiro, tornando-se nosso amigo, é ao mesmo tempo o nos-

so servidor, ao passo que o segundo não se submete á nossa auctoridade.

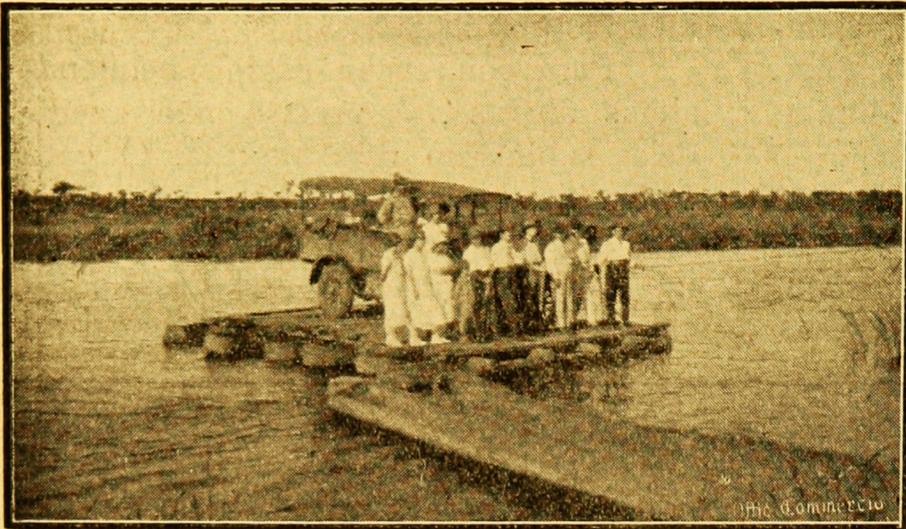
Buffon, que d'Alembert tanto desdenhava, não compreendeu o gato e por isso tão severamente o julgou.

Mas as simpatias dos poetas vingaram-no do desprezo dos naturalistas.

Póde-se notar que Chateaubriand, a quem foi censurado o egoismo, não era indiferente ao encanto do gato.

Ha alguns anos, o sr. Georges Docquois, espirituoso cronista parisiense, teve a idéa de perguntar aos escritores notorios a que animal davam preferencia. O gato obteve consideravel maioria.

François Coppée, que ainda vivia nessa época, possuia varios gatos; Anatole France tinha o seu *Hamilcar*, sedentario, «incompactível guardião da cidade dos livros», que vivia na sua biblioteca; Courteline não se separava do seu *Saint-Médard*; Pierre Loti apresentou ao jornalista as suas duas gatas, cuja elegancia e dis-



ANGOLA — MALANGE — Passagem no rio Lucala em jangada

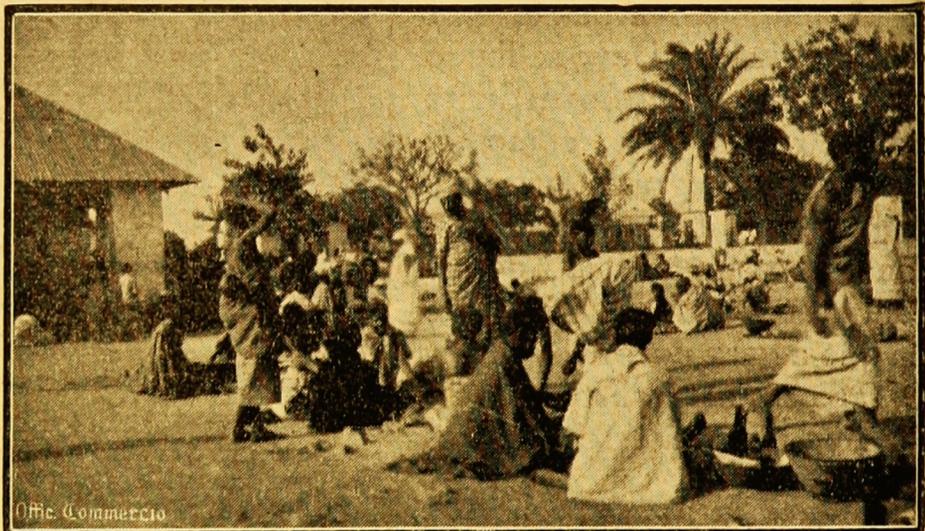
O gato é, de facto, o animal preferido pelas artistas, que admiram a sua graça natural, a sua flexibilidade ondulosa, o seu aceio, o seu silencio, e essa independencia a que os seus inimigos chamaram egoismo.

Victor Hugo é contado entre os inimigos dos felinos. Champfleury refere que, recebido na casa do grande poeta, aí viu, na sala principal, sentado numa grande almofada vermelha, um gato que altivamente parecia esperar as homenagens dos visitantes.

Ele viu tambem no escritório de Sainte-Beuve a gata familiar do temido critico; passejava sobre a meza entre os papeis do escritor.

Mérimée, que Champfleury visitou, durante uma hora só se referiu aos seus gatos, nos quais não reconhecia instincto, mas inteligencia.

Todos sabem quão numerosos eram os gatos de Théophile Gautier, como todos conhecem o admiravel soneto que os felinos inspiraram a Baudelaire.



ANGOLA — MALANGE — Quitanda

tincção o escritor proclamou em termos escolhidos.

Huysmans, Mallarmé e Goudeau testemunharam a mesma simpatia pelos «seigneurs des toits», segundo a expressão de um deles.

Os escritores modernos são, pois, em regra, felinofilos; os de outr'ora não o eram menos.

Além de Moncrif, mais de um poeta dos seculos XVII e XVIII cantou as graças do gato. Ménard, Scarron, La Mothe e Benserade poderiam ser citados, entre outros.

Mas, para terminar, desejamos re-

produzir um soneto, pouco conhecido, de um escritor severo, que não incluímos oportunamente entre os amigos do gato. Os versos *A mon chat*, que em seguida transcrevemos são de Taine.

*Dans votre cœur tranquille et dans vos larges yeux,
O vénérable chat, la sagesse est innée;
Votre rouet sans fin, près de la cheminée,
Est l'écho bourdonnant d'un rêve harmonieux.*

*Quand vous voulez dormir comme dorment les dieux,
Vous vous roulez en boule, âme prédestinée
Vous laissez les soucis à la race damnée,
Qui laboure la terre et qui sonde les cieux.*

O Amigo dos pequeninos e dos pobres

Estamos em 1869

Sua Santidade gozando saúde excelente e vigorosa, continúa a dar audiências particulares e publicas. Num dos ultimos domingos, recebendo cento e cinquenta fiéis, lhes explicou com palavras cheias de união apostólica o Evangelho do dia; depois, atravessando por entre os grupos, que estavam de joelhos, dirigiu, com a maior ternura, encantadoras expressões a cada um.

Quando o tempo o permite, sai da cidade; num destes passeios, indo pela via Flaminio, encontrou dois Bispos franceses, o de Poitiers e o d'Angoulême.

«— Quero passear convosco, meus irmãos, disse ele, e saindo da carruagem, passeou, por muito tempo, entre os dois Bispos.

O seu passo era firme e cheio de vigor; a sua conversação, umas vezes era grave, outras vezes, alegre. Como o Bispo de Angoulême andasse encostado a uma bengala Pio IX lhe disse rindo-se:

— Eu não uso de bengala; tenho de fazer boa figura diante dos meus filhos. Só quando estou no campo é que uso de bordão.

Encontraram no caminho um cocheiro, que, ajoelhado, segurava os cavalos pelas re-deas.

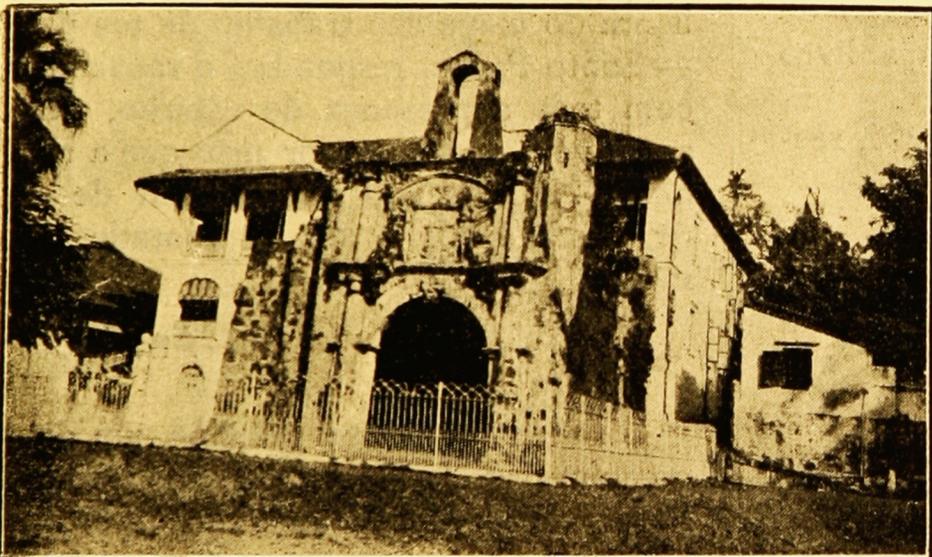
— Como vai isso, meu querido Miguel, meu pobre Miguel, lhe gritou o Papa!... Deixaste os remos do teu bote! Quantos dias lá vão já depois que estivemos em Gaeta... Olhai, disse Pio IX aos Bispos, este bom homem era o meu catraeiro, quando eu estava exilado em Gaeta.

Miguel chorava de alegria vendo, que, ainda ao fim de vinte anos, era conhecido pelo vigario de Jesus Cristo.

Mais adiante, via-se um pobre à beira do caminho; o Papa se aproximou dele e o abençoou, e chamando-o pelo seu nome e dando-lhe algum dinheiro, disse para os bispos:

— *Cognosco aves meas* (conheço as minhas ovelhas), com uma indefinível acentuação de ternura.

Eis aqui o Papa, o senhor das almas, o doutor da Igreja universal, o *amigo dos pequeninos e dos pobres*.



ANGOLA — Ruínas da Malaca. — Porta da cidade

*Tel qu'un brahme affranchi des misères du monde,
Vous buvez le bonheur dans la coupe profonde
Où l'homme ne boit plus que la fièvre et la mort;*

*Et, de l'Eden perdu, le mirage tragique
Apparaît, évoqué par un miroir magique,
Dans la sérénité de vos prunelles d'or.*

Le Moncrif, o jornal felinofilo, terá amplo campo a explorar, se quizer publicar todas as poesias inspiradas aos poetas pelo gato. E a sociedade que os protege, a qual adoptou o nome de *Patte de velours*, póde, certamente, orgulhar-se de contar tantos e tão illustres predecessores.

ANECDOTAS HISTORICAS

Respostas a tempo

Quando se advertia S. Francisco de Borja, duque de Gandia, que eram successivas as esmolas que fazia, o santo respondeu :

— Se eu tivesse despendido em divertimentos uma soma ainda mais consideravel, ninguem teria que me dizer. Porem eu antes gosto que me argúam, e prefiro privar-me até mesmo do necessario, a deixar na miseria os membros padecentes de Jesu-Cristo.

* * *

Vindo, um dia, S. Domingos de prégar, lhe foi perguntado em que livro havia estudado o seu sermão :

— O livro de que eu me servi, respondeu ele, foi o livro da natureza.

* * *

Quando Fernando, rei de Aragão e Castela, fazia guerra aos mouros, um desses pretendidos politicos, que não teem em conta alguma a miseria dos povos, se lembrou de lhe propôr um meio para levantar um subsidio extraordinario.

— Não permita Deus, respondeu o principe com indignação, que eu adopte o vosso projecto ! A providencia saberá assistir-me por outros meios. Mais me temo das maldições de uma pobre mulher do que de um grande exercito de mouros.

Perguntava alguém porque é que os filosofos pré-gavam com tamanho afinco a liberdade de todos os cultos.

— E', lhe foi respondido, para se dispensarem de praticarem algum e para chegarem mais seguramente a destruil-os.

A experiencia tem mostrado a verdade desta resposta.

Maxima

Do cumprimento da lei divina se aprende a bem desempenhar a lei humana e por conseguinte a não temer a justiça.

Dito de um rapazinho

Quando Pio IX determinou fazer, para a celebração do Concilio do Vaticano, os reparos necessarios, na celebre basilica de S. Pedro, encomendou o risco e o plano das obras ao seu arquiteto. Quando o filho deste levou ao Santo Padre o trabalho de seu pai, Pio IX ficou encantado com a beleza do desenho. Conduziu o rapazinho para a sua secretaria, abriu uma gaveta cheia de moedas de ouro, e disse ao jovem comissario : «Tira daí um punhado, em honra do magnifico trabalho de teu pai. — Santo Padre, respondeu o rapazinho com toda a presença de espirito, tiraí antes vós ; tendes maior mão que a minha. — Pio IX não pôde deixar de se rir deste dito, e fez a vontade ao rapaz.

Anedocta

Divertia-se certo principe, um dia, com um dos seus cortezãos, que o tinha servido em muitas embaixadas, e lhe dizia que ele se parecia com um boi.

«Com o que me pareço não sei eu, respondeu o cortezão, mas o que eu sei é que tenho a honra de vos representar em muitas occasiões».

O passado é um bom mestre

Longe de despresarmos o passado, deveriamos tratal-o como a um velho venerando, que se torna respeitavel pela sua experiencia e por seus serviços ; que conta á nossa lareira o que fez e o que viu ; que nos instrue e nos diverte com as suas historias, com a sua linguagem, maneiras e habitos d'outras eras, como a netos que amam e consultam um avô, que lhes transmite o seu nome e a sua herança.